



Rosana Martins Pio, Dilvano Leder de França e Soraya Correa Domingues
Universidade Federal do Paraná

A PESQUISA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES

RESEARCH IN THE PEDAGOGICAL PRACTICE OF TEACHERS

RESUMO: O professor deve ser estimulado a buscar aprimoramento através de seus estudos e pesquisas, procurando sempre manter um contato estreito com sua poética pessoal. É necessário insistir nas pesquisas dentro das universidades e das escolas para que haja um aumento na reserva cultural formadora de identidade. Faz parte do processo de educação estimular e conscientizar o professor a absorver uma sólida formação teórica, voltada para uma educação reflexiva e permanente, para que o conhecimento resultante ofereça um ambiente escolar de ensino com qualidade. Tal atitude abrirá várias possibilidades ao longo de sua carreira, tornando seu trabalho mais comprometido com a educação. Para tanto, evidencia-se a importância dos cursos de graduação e aperfeiçoamento, além de mudanças nas políticas educacionais e curriculares de universidades e das escolas públicas como forma de qualidade na prática pedagógica. O presente trabalho de pesquisa bibliográfica buscou identificar alguns aspectos relevantes da formação inicial e da continuidade do aprimoramento profissional dos professores, detectando dificuldades encontradas na escola quanto às condições objetivas de pesquisa que podem ser responsáveis pelo contingente de professores despreparados no ambiente educacional e desvalorizados na sociedade.

Palavras-chave: Pesquisa. Formação inicial. Formação Continuada.

ABSTRACT: Teacher shall be stimulated in order to improve themselves through their studies and researches, observing a straight contact with their personal poetic. It is vital to insist in researches at schools and universities in order to increase the identity forming cultural reserve. It is part of the education process to encourage and aware the teachers to absorb a solid theoretical education, focusing a reflexive and permanent development, so that the resulting knowledge offer a qualified academic environment. Such attitude shall open uncountable possibilities in their careers, making their job more engaged with education. Therefore, the importance of graduation and specialization courses is evidenced, besides a change in the curricular and education politics at the universities and public schools as a way to qualify the pedagogical practices. The present bibliographical research sought to identify some relevant aspects of the initial education and the continuous professional improvement of teachers, detecting some difficulties found at schools related to objective research conditions that may be responsible for unprepared teachers in the education environment and undervalued in the society.

Keywords: Search. Initial formation. Continuing training.



Introdução

Há uma pequena fábula que expressa a história da formação da comunidade científica brasileira, a qual, segundo Longo (1984), foi estimulada pelo desafio permanente da necessidade de criar e nunca desistir de elevar a ciência e a pesquisa, buscando sua afirmação no cenário nacional. A referida fábula assim é contada:

Condenados pelos deuses, Sísifo tem a sina de levar uma grande pedra morro acima, para vela rolar ladeira abaixo, e recomeçar tudo novamente. É um trabalho inglório, interminável. Mas ele persiste. A maldição de Sísifo descreve, em boa parte, a própria história da comunidade científica brasileira, em que são poucos os sucessos e, em geral, efêmeros. Entrevistados ao longo de centenas de horas, os homens responsáveis por esta comunidade mostraram ser um grupo extremamente lúcido, crítico, conhecedor de suas próprias limitações, mas apesar de tudo otimista. Este otimismo ajuda, talvez, a entender a persistência de Sísifo. Ela não deriva de uma visão rósea do futuro, mas sim de certeza íntima de haver chegado, um dia, às fronteiras do conhecimento e ajudar a criar condições de trabalho de qualidade indiscutível. Antes esta certeza, fracassos e frustrações, trazidas por fatores alheios ao próprio controle, são menos importantes e não chegam a abalar a disposição de começar e da mesma forma, se preciso for, para chegar ao mesmo fim. (SCHWARTZMAN, 1979, p. 1)

É possível observar que através da história da formação de professores, após um longo período de descaso e esquecimento, a formação docente vem ganhando um novo impulso no contexto da pesquisa e das propostas oficiais para a educação escolar. Aspectos importantes têm sido revelados, deixando claro que os educadores devem refletir sobre o processo ensino e aprendizagem, priorizando a pesquisa como forma de buscar, relacionar e transmitir conhecimento.

O trabalho docente exige constantes questionamentos e busca de soluções para os problemas encontrados, aumentando sua autonomia profissional. Trata-se de tratar esta autonomia como uma compreensão do trabalho educativo (CONTRERAS, 2012).



Muitas são as questões que envolvem os motivos de tantas fragilidades conceituais e metodológicas ao desenvolver o ensino e a aprendizagem. As falhas na formação inicial para a aquisição dos conhecimentos prévios e do conhecimento potencial dos professores refletem consideravelmente em suas práticas.

Apesar desta falsa importância dada ao professor como detentor de um intelecto privilegiado e responsável pela ascensão do saber em vários níveis de ensino, a profissão apresenta muitas ambiguidades. Segundo Nóvoa (1992), os professores não são valorizados de forma íntegra e digna, o salário muitas vezes não serve nem para o sustento, a função é múltipla, as regras para o ingresso nos cursos de formação são inadequadas, a formação inicial e continuada é muitas vezes ineficaz, causando uma desmotivação pessoal com a docência, abandono, insatisfação, indisposição, desinvestimento e ausência de reflexão crítica.

Além de todos os fatores citados, observa-se que diante de uma sociedade em constante desenvolvimento em diversos setores da educação e de políticas educacionais, ainda persistem condições de estrutura do trabalho docente não condizentes com todo esse desenvolvimento.

Segundo Paro (2012), devemos reconhecer que hoje existem muitas práticas e teorias adotadas na área da educação para criar melhores condições de ensino nas redes públicas, porém o professor ainda é responsabilizado pelos resultados negativos da aprendizagem dos alunos. Percebe-se, também, que muitas escolas vivem uma realidade muito difícil, diminuindo a qualidade do trabalho humano dentro destes ambientes. Para o referido autor, o professor de hoje é resultado de muitas décadas de descaso com a educação, seu salário foi rebaixado, sua carga de trabalho aumentada, a formação acelerada, e sua posição na sociedade deteriorada. Desta forma a profissão docente, que já havia perdido o antigo prestígio, passou a ser vista como uma profissão provisória, uma ocupação não desejada, que se faz na falta de outra, e assim perdendo muito a qualidade do ensino. “No caso do professor, não se trata somente de o salário ser baixo,



mas sim de ele estar enormemente defasado com relação à importância da ocupação, e essa importância é cada vez menos reconhecida pela população” (PARO, 2012, p. 6).

Alguns aspectos devem ser considerados diante desta realidade. Para Basso (1994), as políticas educacionais devem ser levadas em conta, principalmente no que se refere à formação de professores e condições objetivas. Os professores almejam melhores condições quanto a uma diminuição da jornada de trabalho, um número menor de alunos por classe e uma grande disponibilidade de recursos didáticos. Além disso, percebe-se uma significativa perda de interesse destes profissionais, apontando uma escola ainda com muitas necessidades e que está fracassando em seu objetivo de formação com qualidade.

Os professores se encontram muito envolvidos com questões mais concretas relativas à sua sobrevivência sem terem condições de se colocarem à frente de projetos inovadores de educação, esvaziando-se assim, o caráter político da luta do professorado. (BASSO, 1994, p. 44)

Pesquisa e educação

Velho (1996) comenta que a evolução da ciência e da pesquisa fez parte de todas as atividades intelectuais da história, e modificou as visões sobre o mundo e os conhecimentos da humanidade. O mundo assim passou a ser visto como um grande quebra cabeças, sendo descoberto, entendido e suas peças encaixadas uma a uma, através de grandes descobertas. Esta era uma visão do século XVII, durante e a partir do qual, a visão de ciência e dos métodos científicos passou a ser visto como padrões de verdade.

VELHO cita SCWARTZMAN (1979) relata que os cientistas brasileiros ajudados por seus pares estrangeiros, trabalharam arduamente pelo desenvolvimento de uma cultura científica, conquanto com resultados ainda relativamente pequenos, apesar do eventual reconhecimento internacional de algumas áreas. Os cientistas atuavam apenas



Rosana Martins Pio, Dilvano Leder de França e Soraya Correa Domingues
Universidade Federal do Paraná

na resolução de problemas limitados, sem uma participação efetiva no avanço das fronteiras do conhecimento universal (VELHO cita KUHN, 1978).

Esse tipo de atuação resultaria na ausência de um espaço social adequado para a atividade científica, ou seja, na ausência de respaldo material político e cultural que garantisse à ciência condições favoráveis de diferenciação e afirmação perante as outras atividades (VELHO cita FRANKEN, 1978).

As condições históricas do florescimento da ciência brasileira deram-se em condições adversas, diferente das que cercaram o desenvolvimento dessa atividade em outros países mais desenvolvidos (VELHO cita LEITE LOPES, 1987; SANT'ANA, 1978; MOREL, 1979; MOTOYAMA, 1984; FERNANDES, 1990), que comentam a respeito do desenvolvimento dessa atividade.

As origens dessa adversidade residem no estilo de colonização exploratória e retrógrada da coroa portuguesa, mas tais condições pouco se alteraram no Brasil republicano do século XX, quando a atividade científica florescia como um importante elemento de industrialização nos países avançados. Os poucos avanços que ocorreram foram sempre resultado da existência de indivíduos que faziam da atividade científica uma profissão de fé. Além disso, inexistiam segmentos políticos ou empresariais verdadeiramente envolvidos com o progresso da ciência.

Foi somente a partir da década de 20 que começou a se esboçar um quadro diferente na educação brasileira e, talvez em grau menor, na atividade científica. A Revolução de 30 constituiu um marco importante de mudança em todos os níveis da vida nacional. O processo de urbanização e de industrialização iniciado nesse período modificou fortemente a composição de classes sociais brasileiras, com importantes reflexos na área educacional. As instituições educacionais de primeiro e segundo graus passaram a ser um importante instrumento do Estado para controle das classes subalternas. As instituições de ensino atendiam aos interesses industrializantes do Estado e de uma fração da classe burguesa que desviou os investimentos rurais para o setor urbano



Rosana Martins Pio, Dilvano Leder de França e Soraya Correa Domingues
Universidade Federal do Paraná

Segundo Cintra (2014), as mudanças no panorama do trabalho produtivo, no final do século XIX, e início do século XX, trouxeram uma nova ordem quanto às necessidades do conhecimento e a industrialização passou a exigir novos e complexos conhecimentos, bem como imposições quanto ao trabalho humano, a partir da implantação do regime capitalista, o qual tanto explorou o trabalho humano, como provocou processos de exclusão do próprio homem dos bens sociais que ele também produzia. Com o ordenamento administrativo-social houve uma preocupação na regulação e na organização desta “multifacetada instituição” chamada escola, uma forma de ajustá-la e conformá-la as necessidades do seu tempo.

A instituição escola torna-se responsável pela vida privada (família) e a vida pública (sociedade), tendo na educação para o trabalho uma forma de “civilizar e instrumentalizar os cidadãos para o trabalho” neste novo mundo. A partir desta nova perspectiva surgem as escolas para indígenas, escolas profissionalizantes, creches, crianças com necessidades especiais, jovens e adultos, uma valorização para a formação de professores e a criação de novas universidades, mudando o cenário na educação neste século.

A proliferação do conhecimento e os processos de exclusão social interferiram nas formas como a escola desenvolve o trabalho de levar escolares que a frequentam ao acesso ao conhecimento.

Deve-se entender a pesquisa dos cientistas nas universidades como referenciais para os professores que desenvolvem este trabalho, de forma consciente e aprofundada dentro dos vários campos de estudo. Por outro lado, a escola como *locus* de ensino e formação humana, demanda aos professores, através de pesquisas sistematizadas, a busca de conhecimentos que se fazem necessários hoje à educação escolar.

É essencial que seja dada a devida importância à formação de professores e o futuro professor deve ter a pesquisa como parte integrante de sua vida universitária, na sua prática escolar e em projetos educativos. Segundo André (2001), existe um consenso na literatura educacional de que a pesquisa é um elemento essencial na formação



Rosana Martins Pio, Dilvano Leder de França e Soraya Correa Domingues
Universidade Federal do Paraná

educacional do professor. Torna-se assim, de extrema responsabilidade formar profissionais pesquisadores comprometidos.

Alguns aspectos devem ser considerados e se fazem necessários nesta perspectiva: como analisar com cuidado de que pesquisador e de qual pesquisa estamos falando; que importância esta pesquisa tem na vida do professor; qual professor se está formando; qual aspecto é importante na pesquisa do professor, o que atua ou quais suas reais possibilidades intelectuais; assim, qual o tempo e espaço para desenvolver uma pesquisa.

Diante destas reflexões e questionamentos, a importância do que se espera de futuros professores, refere-se a um comprometimento intelectual, social, e a uma forma competente ao ensinar e preparar seu aluno para viver em uma sociedade que apresenta novas expectativas e necessidades:

É extremamente importante que ele aprenda a observar, a formular questões e hipóteses e a selecionar instrumentos e dados que o ajudem a elucidar seus problemas e a encontrar caminhos alternativos na sua prática docente. E nesse particular os cursos de formação têm um importante papel: o de desenvolver, com os professores, essa atitude vigilante e indagativa, que o leve a tomar decisões sobre o que fazer e como fazer nas suas situações de ensino, marcadas pela urgência e pela incerteza (ANDRÉ, 2001, p.59).

Esta atitude de pesquisa é fundamental para a formação do futuro professor, porém fazer pesquisa significa produzir conhecimento geralmente baseado em coleta e análise de dados, de forma sistemática e rigorosa o que resultaria em uma exigência diária de tempo, que nem sempre se tem disponível nas instituições escolares. Logo, poderíamos estar esperando demais dos professores.

É preciso pensar nas condições mínimas de efetivação de uma pesquisa e deve-se dar importância à produção de conhecimento com qualidade. Para tanto, é preciso que haja uma predisposição pessoal, um desejo de questionar, de formular problemas corretamente, saber selecionar métodos e instrumentos de observação e análise, com



Rosana Martins Pio, Dilvano Leder de França e Soraya Correa Domingues
Universidade Federal do Paraná

uma assessoria técnico-pedagógica adequada, que tenha tempo e espaço para realizar a pesquisa, que tenha acesso a materiais e bibliografia especializada.

Segundo André (2001), esperar que os professores se tornem pesquisadores, sem oferecer as necessárias condições ambientais, materiais, institucionais implica, por um lado, subestimar o peso das demandas do trabalho docente cotidiano e, por outro, os requisitos para um trabalho científico educacional de qualidade.

Dois situações importantes devem ser colocadas: a primeira refere-se ao professor pesquisador, que retoma seu papel social como agente de mudança e produtor de conhecimentos, e a segunda, que diz respeito à responsabilidade que lhe é imposta, de ser o causador de todos os problemas educacionais e capaz de resolvê-los ou aumentá-los.

Outro risco associado à atitude dos professores é o de desvalorização da atividade docente em comparação à de pesquisador que tem um status mais elevado, ou seja, quando a pesquisa tem mais valor do que o ensino. Esta valorização do profissional pesquisador pode estar camuflando as dificuldades que a educação escolar está passando, com a falta de um trabalho docente de qualidade.

A educação pela pesquisa consagra *questionamento reconstrutivo*, com qualidade formal e política, como traço distintivo da pesquisa. Numa parte, é mister superar a visão unilateral de considerar como pesquisa apenas seus estágios sofisticados, representados pelos produtos solenes do mestre ou do doutor. Noutra parte, pesquisa precisa ser internalizada como atitude cotidiana, não apenas como atividade especial, de gente especial, para momentos e salários especiais (DEMO, 2003, p. 10).

O professor deve produzir conhecimento em sua área de atuação, em seu próprio trabalho, desenvolvendo habilidades reflexivas e discussões que possibilitem uma reflexão sobre o seu trabalho docente cotidiano para que não haja esta valorização do pesquisador em detrimento ao professor capaz de produzir conhecimentos através de sua prática.



Rosana Martins Pio, Dilvano Leder de França e Soraya Correa Domingues
Universidade Federal do Paraná

Segundo André (2001), para evitar este risco, talvez seja melhor deixar de falar em professor pesquisador de forma genérica e passar a tratar das diferentes maneiras de articular ensino e pesquisa na formação e na prática docente.

Estamos diante de um processo de retomada de autonomia de consciência política e educativa, não se pode deixar levar pela massa dominante sem uma consciência crítica, a citação de Demo (2003) deixa claro estas prerrogativas coincidentes: ambas se postam contra a *ignorância*, fator determinante da massa de manobra; enquanto a pesquisa busca o conhecimento, para poder agir na base do saber pensar, a educação busca a consciência crítica, marca de quem reconhece a realidade.

Pesquisa e ensino

Buscam-se várias possibilidades de trabalhar o ensino e a pesquisa na formação de professores, e uma destas possibilidades é a de que a pesquisa se torne um núcleo do curso de formação inicial, ou seja, que ela integre o eixo da formação inicial e formação continuada das instituições tendo em conta a possibilidade de recursos e condições disponíveis.

Logo, se faz necessário uma organização curricular em que disciplinas e atividades sejam articuladas coletivamente, com o objetivo de desenvolver habilidades e atitudes investigativas nos futuros professores. Um ponto importante seria unir as pesquisas que retratem o cotidiano escolar, levando os futuros professores a estarem mais próximos desta realidade. Segundo Demo (2003), “Educar pela pesquisa tem como condição essencial primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a *pesquisa como princípio científico e educativo* e a tenha como atitude cotidiana”.

Outra possibilidade importante é a inserção das pesquisas do corpo docente no programa das disciplinas para que os futuros professores possam discutir o resultado



das pesquisas, analisar, verificar a metodologia utilizada para que possam aos poucos ir gerando novas temáticas de acordo com as necessidades escolares.

Tanto educação como pesquisa segundo Demo (2003) se dedicam ao que ele chama de “*processo reconstrutivo*”, base da competência sempre renovada, a pesquisa pretende, através deste conhecimento inovador, manter a inovação como processo permanente, sendo que a educação usando como instrumento o conhecimento inovador busca alicerçar uma história de sujeitos e para sujeitos.

O processo educativo encontra no conhecimento um ponto importante da “*intervenção inovadora*”, mantendo sempre o compromisso ético.

O papel da pesquisa na formação docente requer várias possibilidades de articulação com o ensino, com a escola e com as universidades, visando uma melhora considerável nas perspectivas futuras de uma qualidade melhor no ensino do nosso país.

Por meio de uma cultura científica, o desenvolvimento no processo ensino aprendizagem se fará de forma compartilhada por toda a comunidade acadêmica.

Formação e Atuação dos Professores

A formação e profissionalização para o ensino constitui um movimento, onde o que distingue a profissão docente das outras ocupações é a natureza dos conhecimentos. Os profissionais se apoiam em conhecimentos especializados, conhecimentos esses que são adquiridos por meio de uma longa formação universitária, os quais são modelados e voltados para a solução de situações problemáticas. Porém, na realidade escolar, os professores necessitam de autonomia, pois esses conhecimentos não devem ser somente técnicos e padronizados, pois a realidade escolar exige sempre uma parcela de improvisação e adaptação, exige dos profissionais uma construção de julgamentos em situações de ação (TARDIF, 2000).

Para Schon (1995) o conhecimento específico para a atuação do docente é ligado à ação, e só pode ser adquirido por meio da prática profissional, categorizando em



professor-reflexivo, reflexão-na-ação, analisando e interpretando aquilo que foi realizado.

A formação profissional ocupa boa parte da carreira e dos conhecimentos dos professores, e devem ser revisáveis, criticáveis e passíveis de aperfeiçoamento. O professor necessita de uma formação contínua e continuada, autoformando-se e reciclando-se através de diversos meios (TARDIF, 2000).

Os cursos de licenciatura são idealizados segundo um modelo aplicacionista do conhecimento: os alunos passam certo número de anos a assistir a aulas baseadas em disciplinas e construídas de conhecimentos proposicionais. Em seguida, ou durante essas aulas, eles começam a trabalhar sozinhos, aprendendo o ofício na prática e constatando, na maioria das vezes, que esses conhecimentos proposicionais não se aplicam bem na ação cotidiana (WIDEEN *et al.*, 1998 apud TARDIF, 2000).

Os cursos de licenciatura foram divididos em duas partes, teorias e técnicas de ensino, e a prática real através de estágios. Porém, deste a sua formação inicial e principalmente durante a formação continuada devemos reconhecer os professores como sujeitos produtores de conhecimento e saberes, sendo assim, repensar a relação entre teoria e prática, tornar da formação inicial, uma maneira de tornar os professores práticos reflexivos (ALMEIDA e BIAJONE, 2007).

De acordo com Almeida e Biajone (2007) é essencial que seja propiciado aos professores o aprendizado através da prática de outros professores, através de janelas, a fim de aprender com suas próprias práticas, abandonando a individualidade de nossa profissão, aprendendo com os outros. É preciso que os cursos de formação inicial promovam novas práticas de formação, com estágios de longa duração favorecendo uma análise reflexiva, permitindo uma formação científica vinculada à prática, habituando os futuros professores à prática profissional, construindo uma formação inicial e continuada comprometida com o ensino de qualidade.

O currículo das escolas separa a pesquisa da prática, não deixando espaços para a reflexão. A formação profissional dos professores deve proporcionar a interação entre



teoria e prática, um ensino reflexivo, reflexão a partir da ação, pela relação professor-aluno em diferentes situações práticas, que são únicas, incertas e conflituosas, pois é impossível aprender sem ficar confuso (SCHÖN, 2000).

Para que tais práticas possam se realizar na escola, o professor deve resgatar a base reflexiva da sua atuação, pesquisando e refletindo a sua prática, questionando a sua tarefa, sendo assim, podendo entender melhor a sua situação e depois modificá-la, pois, quando o professor pesquisa a sua própria prática, ele consegue interpretar, adaptar, recriar e improvisar as necessidades e dificuldades em sua volta. Entretanto, na prática profissional, os professores estão sofrendo várias mudanças na sua condição de trabalho, suas funções tem sido reduzidas e subdivididas em processos cada vez mais simples e especializados, perdendo a perspectiva de totalidade, tornando cada vez mais em tarefas isoladas e rotineiras, favorecendo a rotina das atividades, impedindo as reflexões, discussões e trocas de experiências entre os professores, se tornando apenas consumidores, reproduzindo as atividades compartilhadas na graduação.

É necessária uma nova postura profissional, que possa corresponder de forma qualitativa o interesse dos envolvidos, efetivando na troca de conhecimentos entre os profissionais, saindo do isolamento, pois, é impossível pensar na escola como unidade de ação com professores isolados. No entanto, muitos professores não assumem essas responsabilidades, pois a estabilidade trabalhista e a falta de estímulo em seu trabalho, atrelado a um profissional técnico, conduzem ao marasmo, reduzindo o conhecimento prático a um conhecimento técnico.

Os professores em muitos casos determinam e orientam seu trabalho caracterizando um "presentismo", concentrando os esforços apenas nas aulas, "conservadorismo", evitando discussões e reflexões de mudanças, e "individualismo", rejeitando a colaboração dos colegas devido ao medo de julgamento e críticas. Todavia, o ensino requer criatividade, intuição e improvisação dos professores na solução das situações da prática docente, não sendo solucionadas apenas por uma aplicação técnica.



Um processo de autonomia dos professores como intelectuais críticos requer analisar, questionar e refletir criticamente no contexto da situação e ter uma postura diante dos problemas, desenvolvendo suas próprias estratégias de ensino. Nesse sentido, o professor deve envolver o currículo cada vez mais em seus princípios e suas práticas, tornando a escola mais atraente aos alunos.

Conclusões

A partir do exposto, pode-se concluir que os Cursos de Graduação são de alguma forma insuficiente para a formação dos futuros professores, por questões que vão desde a falta de recursos materiais e falta de coerência com as linhas de pesquisa até a remuneração e plano de carreira sem adequação às qualificações dos professores. Alguns cursos de especialização em sua maioria ofertada por instituições particulares visam apenas o retorno financeiro e, desta forma, não colaboram na melhora da formação de professores. Isto implica numa desvalorização do profissional nas universidades e dentro do ambiente escolar. A má formação torna o professor despreparado, desmotivado e mal remunerado.

Fica evidente que a desvalorização dos professores e a falta de pesquisa são questões de extrema importância na formação destes professores e que a mudança deste quadro deve passar obrigatoriamente por uma reestruturação dos cursos de formação, das políticas educacionais, de um currículo adequado, e na conscientização do educador em seu poder de transformar, através da pesquisa, a difícil realidade em que se encontra.

Convém, no entanto, que o professor tome consciência da necessidade da pesquisa para sua prática pedagógica e faça parte deste processo, aprofundando-se nas linhas de pesquisa nas universidades. Desta forma, será possível analisar, relacionar e contextualizar o conhecimento. Deve-se ampliar e relacionar as diversas reflexões sobre pesquisa e educação, pesquisa e ensino, formação continuada e atuação profissional,



Rosana Martins Pio, Dilvano Leder de França e Soraya Correa Domingues
Universidade Federal do Paraná

ampliando, assim, o debate educacional como um caminho para abrir novos Horizontes no processo ensino-aprendizagem e desvendar seus paradigmas.

A pesquisa passa por uma abordagem mais abrangente, e que está relacionada com as diversas áreas do conhecimento humano e suas vertentes. Desde sua formação até agora os pesquisadores estão preocupados em desenvolver uma cultura científica dentro das universidades e fora delas, cultura esta que não se deve apenas a simples leituras informais, visitas a mostras culturais e cursos técnicos, pois a pesquisa não deve ficar em uma posição secundária no saber humano ela problematiza a nossa realidade. É importante ressaltar a importância das universidades e das escolas diante desta cultura científica que passam a ser agentes de disseminação deste conhecimento.

Referências

ALMEIDA, P. C. A. e BIAJONE, J. (2007). *Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação, Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 33, n. 2, p. 281-295.

ANDRÉ, M. (org.).(2001). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos Professores*. Campinas: Papirus.

BASSO, Salgado Itacy. (2015). *As condições subjetivas e objetivas do trabalho docente: um estudo a partir do ensino de história*. Biblioteca Central UNICAMP. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls0000800016fd=y/pdf. Acesso em: 07 set. 2015.

CINTRA, Erica Piovam de Ulhôa/ MARQUES, Vera Regina Beltrão.(2014). *História da Educação EDP 037*. Curitiba: PR. CIPEAD.

CONTRERAS, J.(2002). *A autonomia de professores*. 2 ed. São Paulo: Cortez.

DEMO, P. (2003). *Educar pela Pesquisa*. 6 ed. Campinas: Autores Associados.



Rosana Martins Pio, Dilvano Leder de França e Soraya Correa Domingues
Universidade Federal do Paraná

LONGO, V. P. (1984). *Tecnologia e Soberania Nacional*. São Paulo: Nobel Promocel.

NÓVOA, A. (coord.). (1992). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.

SCHÖN, D. (2000). *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.

SCHÖN, D. (1995). *Formar professores como profissionais reflexivos*. IN: NÓVOA, A. (Org). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.

SCWARTZMAN, S. (1979). *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional.

TARDIF, M. (2000). *Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério*. Revista Brasileira de Educação. n. 13, p. 5-21, jan./fev./mar./abr.

PARO, Henrique Vitor. (2015). *Estrutura da escola fundamental: condições objetivas de trabalho na escola*. Cadernos de Pesquisa, v.42, n.146, p.586-611, maio/agosto, 2012. Disponível em: www.scielo.br/pdf/cp/v42n146/14.pdf. Acesso em: 06 set.

VELHO, Silva. (1996). *Relações universidade empresa: desvelando mitos*. Campinas, SP. : Autores Associados, 1996. (Coleção Educação Contemporânea).

Recebido em fevereiro de 2017

Aprovada em julho 2017